

ENTREVISTA COM A GEÓGRAFA DORA DO AMARANTE ROMARIZ

(realizada em 26 de março de 2009)

Por Rita de Cássia Ariza da Cruz e Carlos Henrique da Silva

Dora do Amarante Romariz. Professora primária pelo Instituto de Educação (Rio de Janeiro). Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Pós-Graduada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Departamento de Geografia). Fez vários cursos de Especialização, entre eles o de Biogeografia, ministrado pelo Prof. Pierre Dansereau (Rio de Janeiro). Atuou como geógrafa no Conselho Nacional de Geografia (parte integrante da atual Fundação IBGE), de 1945 a 1972, quando se aposentou. Foi colaboradora da UNESCO entre 1963-1964 e membro correspondente da Comissão “Geografia e Educação” da União Geográfica Internacional (UGI), tendo sido, nessa qualidade, um dos responsáveis pela redação do Manual *Geografia de América Latina*. Período: 1964-1982. Foi colaboradora do *Institut de La Carte Internationale du Tapis Végétal*, de Toulouse, França, quando da elaboração do Mapa da Vegetação da América do Sul, a pedido da UNESCO (1971-1979). Autora de várias publicações no Brasil e em Revistas Técnicas estrangeiras. Professora Visitante em várias Universidades e Instituições Científicas Nacionais, ministrando cursos de Fitogeografia em níveis de Especialização ou Pós-Graduação.

Boletim Paulista de Geografia (BPG) - O que é Geografia para a Professora?

Romariz - Esta é uma pergunta bem estranha para mim! Não consigo entender que a definição de uma ciência possa variar de acordo com o ponto de vista de cada um. Muito menos a Geografia, já que o próprio vocábulo Geo (terra) e Grafia (descrição) indica o seu propósito: “descrição da superfície terrestre sob todos os seus aspectos físicos e humanos”. Com o passar dos tempos, claro, de meramente descritiva, tornou-se também explicativa, procurando sempre, porém, encarar os fatos de forma abrangente, como já o preconizava Humboldt. Esse também é o meu ponto de vista: “é uma ciência que tem por objetivo o estudo dos diferentes aspectos da paisagem, tanto físicos quanto os humanos, sempre encarados da forma a mais entrosada possível”.

BPG - A Geografia Brasileira pôde ocupar um lugar de ponta na Geografia do mundo?

Romariz - Acho sempre perigoso manifestar opiniões sobre assuntos, cuja abrangência seja tão ampla! Para começar seria preciso que eu estivesse a par do que se está fazendo nas diferentes partes do mundo, o que não ocorre!

Só posso dizer que, realmente, houve um período em que os geógrafos de diferentes partes do mundo voltaram suas atenções para o Brasil. Foi por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia, promovido pela União Geográfica Internacional, em 1956, na cidade do Rio de Janeiro.

A repercussão foi muito grande, pois além das sessões normais do Congresso, foram organizadas, antes e depois dele, nove excursões, pelas diferentes áreas do Brasil, até mesmo as mais remotas, sempre sob a direção de geógrafos brasileiros. Cada participante recebeu um livro-guia, abrangendo este, não só o itinerário percorrido, mas, também, uma síntese geográfica da região em estudo.

Tendo podido verificar *in loco* todas as dificuldades que tivemos para levar a bom termo essa tão árdua tarefa (circulação, hospedagem, comunicações, tudo era muito difícil na época), todos os participantes foram unânimes nos elogios aos nossos trabalhos.

BPG - A Professora se aposentou em que ano?

Romariz - Eu me aposentei em 1972. Nunca havia pensado em me aposentar tão cedo! Acontece que nessa época houve uma mudança no regime de trabalho do IBGE e tínhamos que optar: continuar como funcionário público ou passar a ser subordinado às Leis Trabalhistas.

Como antes de ser geógrafa do IBGE eu já havia lecionado em escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro, já contava com mais de 30 anos de serviço. Achei melhor solicitar a aposentadoria, pois assim poderia me dedicar a trabalhos na área de minha preferência: a Biogeografia, coisa que, nem sempre me era dado fazer.

Ao ser transferida pra São Paulo, por exemplo, a minha atuação passou a ser especificamente na área cultural: relacionamento com professores, atendimento a alunos que nos procuravam em busca de informações, etc. A aposentadoria foi, portanto, a forma que me deu a possibilidade de me dedicar à minha especialidade: escrever trabalhos (o primeiro dos quais foi este livro - "Aspectos da Vegetação do Brasil"), atender a convites para ministrar cursos em diferentes universidades, participar de congressos, etc.

BPG - Qual é a sua opinião sobre esta cisão que foi historicamente produzida na Geografia?

Romariz - Desculpe, mas não é possível generalizar! Pelo fato de ter ocorrido no Brasil, não se pode dizer que foi "historicamente produzido na Geografia"! O que ocorreu é que, em decorrência dos fatos desagradáveis ocorridos na reunião de Fortaleza (1978) aos quais, felizmente eu não estive presente, uma boa parte dos associados, sobretudo os mais antigos decidiram se afastar da AGB (não da Geografia!). Muitos deles, especialmente os que se dedicam aos temas de Geografia Física, passaram a realizar, de 2 em 2 anos, Reuniões de Geografia Física Aplicada. A XII acaba de ocorrer (Julho de 2009) em Viçosa, MG, com muito sucesso.

BPG - Qual foi a sua participação na AGB?

Romariz - Sou sócia fundadora da Secção Regional do Rio de Janeiro (setembro, 1945) na categoria de Sócia Cooperadora. Em 1951, passei à Efetiva. Na Secção Regional do Rio de Janeiro fui Tesoureira (1947-1950

ENTREVISTA

e 1952-1954); Secretária (1951); Membro da Comissão de Planejamento de Pesquisas (1953); Diretora (1955); Membro da comissão Consultiva (1956-1957).

Na Secção Regional da São Paulo fui membro da Comissão Consultiva (1959-1963).

Na Associação dos Geógrafos Brasileiros (Nacional) fui Diretora dos ANAIS por 17 anos (1953-1969) e Secretária-Geral (1969-1970).

Particpei de Todas as Assembléias Gerais realizadas a partir de Lorena (1946) até a de Vitória (1969), no total de vinte.

Particpei dos 3 Congressos Brasileiros de Geógrafos, realizados em Ribeirão Preto (1954), Rio de Janeiro (1969) e Belém (1974).

Fui Representante da AGB nos Congressos Internacionais de Geografia, promovidos pela UGI (União Geográfica Internacional) realizados em Washington (1952), no Rio de Janeiro (1956) e em Nova Delhi, Índia (1968).

Particpei do XIV Encontro Nacional de Geógrafos, em 2006, realizado em Rio Branco, no Acre. Decidi participar desse Encontro por dois motivos: 1º) apesar de todas as minhas viagens a serviço do Conselho Nacional de Geografia, eu nunca tinha ido ao Acre; 2º) por estarem se completando 60 anos da 1ª Reunião da AGB, realizada em Lorena, em 1946. Como um dos poucos remanescentes dessa reunião, quis participar desta, para poder avaliar o que se está fazendo atualmente na AGB.

BPG - Qual foi e tem sido o papel da AGB na consolidação da Geografia brasileira? A história da AGB se confunde com a história da Geografia brasileira?

Romariz - Até certa época pode-se dizer que sim. No Congresso Internacional de Washington (1952) a AGB teve uma das maiores delegações! Isso ocorreu graças ao seu, então, Presidente, Prof. José Veríssimo da Costa Pereira ter conseguido que a maioria das Instituições Oficiais, ao designar seus representantes, dessem preferência aos que fossem sócios da AGB, passando esses a serem duplamente credenciados!

No Congresso do Rio de Janeiro (1956) também a AGB teve uma atuação destacada. Muitos de seus membros participaram não só de reuniões, com também da própria organização e, sobretudo, da

preparação e direção das excursões realizadas antes e depois do Congresso. Com o passar dos anos essa cooperação foi rareando, tornando-se eventual ou pontual, graças a um ou outro de seus associados.

BPG - Qual é a importância do trabalho de campo para a Geografia e para a formação do geógrafo?

Romariz - O trabalho de campo é essencial, indispensável, mesmo, à formação de um geógrafo.

Nesse setor pode-se dizer que as Assembléias da AGB, realizadas anualmente, deram uma grande contribuição. Dois dias, apenas, eram reservados à apresentação de trabalhos. Outros dois (ou três), aos trabalhos de campo. Seguiu-se outro em que eram organizados os dados coletados. Uma breve apresentação era feita no final da Assembléia, publicando-se mais tarde, nos Anais, o total do trabalho.

Os participantes eram divididos em equipes, chefiadas pelos mais capacitados. Como em nem todas as faculdades havia a possibilidade da realização sistemática de trabalhos de campo, para muitos essa era uma ótima oportunidade. Alguns dos que hoje são geógrafos de destaque, assim começaram.

Professores estrangeiros elogiavam muito o fato de que num congresso fossem realizados trabalhos de campo e, várias vezes, nos honraram com sua presença. Caso, por exemplo, do Prof. J. Chebataro, do Uruguai.

BPG - A Professora teve um mestre, um geógrafo, que tenha influenciado em sua decisão pela Geografia, já que o seu curso era Geografia e História?

Romariz - Sim. Foi o Prof. Francis Ruellan. Quando entrei para a Faculdade ele era o responsável pela cadeira de Geografia do Brasil. Sendo também Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia, nas freqüentes excursões que realizava com geógrafos dessa Instituição, sempre incluía alunos como auxiliares. Além dessas, quase todos os fins de semana, saía com os alunos pelos arredores da cidade do Rio de Janeiro, a fim de treiná-los em trabalhos de campo. Com todo esse movimento que fazia, acabou

“capturando” não só eu, como a maioria dos alunos da turma. Talvez, apenas, dois ou três não se dedicaram à Geografia.

Acontece que, no meu caso particular, já tinha essa tendência desde o tempo que eu estudava no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, por onde me formei Professora Primária, como se denominava antigamente o professor que lecionava no 1º Ciclo. Sempre gostei muito de Geografia. Tinha sempre ótimas notas, a ponto de ter sido nomeada Auxiliar de Gabinete de Geografia (foi o meu primeiro emprego), por indicação do Prof. da Cadeira, o Prof. Mario da Veiga Cabral.

Dessa época veio, também, outra influência. Paralelamente às atividades da Geografia, gostava muito das aulas e trabalhos realizados na Cadeira de História Natural, englobando os temas relativos à Botânica e à Zoologia, a cargo do Prof. Carlos Leoni Werneck.

Os ensinamentos recebidos desses dois mestres despertaram em mim o interesse pelo estudo de plantas e animais dentro do contexto geográfico, ou seja, pela Biogeografia.

O desejo de trabalhar nesse setor foi, mais tarde, finalmente, realizado quando o Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia convidou o professor canadense, Pierre Dansereau, para lá ministrar um curso de Biogeografia. Fui então comissionada pelo Conselho Nacional de Geografia, onde trabalhava, para fazer o Curso e acompanhar o aludido professor nos trabalhos de campo que realizou no Brasil, após o Curso.

Foram esse quatro mestres, que mais do que mestres tornaram-se amigos, os que mais influenciaram na minha carreira.

BPG - Em uma entrevista à revista Paisagens, a Professora afirma “que muitas vezes o geógrafo deixou de fazer aquilo que podia ter feito e abriu espaço para que outros fizessem.”...

Romariz- Realmente eu disse isso, tendo em vista as minhas observações a respeito de trabalhos que tenho lido. O geógrafo, por sua formação, acha-se capacitado para abordar o estudo da paisagem e dos aspectos humanos a ela relacionados, englobadamente. Essa visão de síntese é um apanágio da formação do geógrafo. Quando ele esquece a paisagem, por exemplo, como tem ocorrido frequentemente, ocupando-se apenas da parte humana, tenderá mais para os aspectos sociológicos,

políticos, por exemplo. Não estando preparado para isso, não poderá fazê-lo bem e, como é um geógrafo, irá desacreditar a profissão. Ao mesmo tempo, abrirá vagas para que outros pesquisadores, formados em áreas afins, realizem algumas tarefas que seriam mais adequadas aos geógrafos.

Em planejamento, paisagismo, entre outros, há tanto campo para a participação de um geógrafo! Quantos, porém são convidados para isso?

Tive a satisfação de ser convidada pela EMPLASA (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano) para estabelecer os padrões de vegetação, que serviram de base para a exigência da preservação da vegetação nas áreas de sua jurisdição. Não se tratou, portanto de uma questão apenas de paisagem, mas sim da adequação das exigências de preservação a cada tipo de lote. Conforme o tamanho do lote e o tipo de vegetação nele existente, as exigências seriam diferentes. Esse modo de agir atende ao conceito mais moderno de preservacionismo, no qual a intocabilidade (praticamente inviável hoje em dia) vai sendo substituída pela utilização racional.

BPG - Por que o geógrafo está distante de algumas atribuições pertinentes à profissão? Trata-se de uma nova concepção de Geografia?

Romariz - Volto à minha resposta dada à sua primeira pergunta: a concepção correta da geografia é uma só. Agora, o motivo pelo qual o geógrafo está distante de suas atribuições, também já respondi a essa pergunta: deve-se ao meu mau conhecimento dos objetivos da ciência na qual se formou.

